

A QUALIDADE DO COURO BOVINO PRODUZIDO NAS PROPRIEDADES RURAIS DE MATO GROSSO DO SUL

Dario de Oliveira Lima Filho
Renato Luiz Sproesser
Fabrício Simplicio Maia
Fabiana Silva das Neves

RESUMO: O estado de Mato Grosso do Sul é referência nacional na criação e produção de gado, com reconhecida sanidade animal e por ser possuidor do maior rebanho de bovinos do país. A produção e o beneficiamento do couro é uma alternativa para a diversificação econômica do estado. Existe por parte dos elos ligados a cadeia produtiva do couro muita desinformação quanto a real importância econômica do produto. Com base no material bibliográfico analisado, foi abordado o processo produtivo do couro dentro das propriedades rurais, porque é justamente nessa fase que o couro sofre mais da metade das avarias apresentadas após o seu beneficiamento. Serão apresentados os problemas, seus agentes causadores e algumas sugestões para possíveis correções e para facilitar o processo de tomada de decisão nesse setor.

Palavras-chave: Couro bovino; qualidade do couro e sanidade do rebanho bovino.

1. INTRODUÇÃO

Possuidor do maior e rebanho bovino do país, com mais de 23 milhões de cabeças (OBREGON, 2002), Mato Grosso do Sul destaca-se no cenário nacional pela qualidade e precocidade de seus animais.

Diariamente são abatidas em média 15 mil cabeças de gado em todos os frigoríficos do estado; esse volume de abates fornece um igual número de unidades de couro, mas deste montante apenas 12 mil são aqui beneficiados (no estágio *Wet Blue*¹), consequência da ausência no estado de curtumes com estrutura que possibilite o tratamento desse couro até sua fase de acabamento (no estágio *Cromo Alemão*²). O couro no estágio *Wet Blue* corresponde a algo em torno de 26% do que é conhecido como couro acabado com padrão de qualidade reconhecido e utilizado pela indústria na produção e manufatura de produtos destinados ao mercado consumidor. O restante (três mil peles), são destinadas a Minas Gerais, Paraná e São Paulo no estágio “*in natura*”, salgado ou apenas refrigerado, possuindo pouca agregação de valor. Isso resulta entre inúmeros fatores, em problemas na produção dentro das propriedades rurais, tais como as ações de ectoparasitas como a berne e o carrapato; o manejo errôneo e inadequado dos animais desde o início do processo de cria até o momento em que os bovinos são embarcados com destino aos frigoríficos; técnicas de abate inadequadas e ultrapassadas, incluindo a escassez de mão-de-obra especializada para o beneficiamento adequado nos curtumes (GOMES, 2000).

¹ O couro ganha este nome devido a sua imersão em cromo, com esse processo o couro além de tornar-se melhor para a conservação passa a aparentar uma tonalidade azulada.

² O Cromo Alemão é o couro com maior valor agregado para comercialização, é o último estágio de beneficiamento do couro acaba e o mais requisitado pelas indústrias calçadistas e de vestuário.

A junção de todos esses fatores que em um estágio de convivência cumulativa no ciclo de desenvolvimento e produção do couro bovino dentro das propriedades rurais repercute em um índice de agressões e de prejuízos na fase de beneficiamento dentro dos curtumes em torno de 60%, porcentagem essa que equivale apenas ao período que o bovino permanece dentro da fazenda, desconsiderando todo o restante dos elos e processo que compõem essa cadeia produtiva (GONZÁLES; FREIRE, 1992).

Argumenta-se que a baixa agregação de valor da matéria-prima couro deve-se em suma ao produtor, às maiores avarias sofridas pelo bovino são ocasionadas dentro das fazendas. Essa problemática referente ao processo produtivo do couro dentro das fazendas será abordada e discutida durante todo o transcorrer desse artigo (GONZÁLES; FREIRE, 1992).

A relevância de abordar as questões dos problemas no processo produtivo da cadeia do couro dentro das fazendas se baseia no fato de mais da metade dos defeitos apresentados pela matéria-prima em seu beneficiamento no curtume são inerentes ao período que o bovino permanece dentro das fazendas. Os produtores rurais em sua grande maioria ainda enxergam o couro como um subproduto do boi ou mesmo como um simples envoltório do produto que lhes importa realmente, a carne (GOMES, 2001).

Com um rebanho em expansão e com mercados com capacidade para absorver a produção, o couro desponta como um fator de crescimento econômico para o estado; para isso se faz necessário que comece a existir uma perfeita sinergia e cooperação entre produtores, frigoríficos e curtumes; todos os elos da cadeia precisam estar conscientes de que se não houver união, continuarão produzindo um couro que não oferece boa qualidade e também, deixando com que os produtores, frigoríficos, curtumes e o estado continuem perdendo receitas devido a pouca agregação de valor que o produto produzido em nosso estado possui (SANCEVERO, 2002).

2. OBJETIVO e METODOLOGIA

O presente artigo teve como objetivo diagnosticar os problemas apresentados dentro das propriedades rurais que afetam a qualidade do couro bovino.

Para elaboração do artigo foi realizada em primeiro momento uma pesquisa bibliográfica com o intuito de melhor posicionamento sobre o assunto e em seguida foi realizada entrevista com dois especialistas do setor (MATTAR, 1999).

A pesquisa bibliográfica foi realizada utilizando a literatura científica e técnica do couro bovino em Mato Grosso do Sul. Procurou-se mostrar os principais agentes causadores dos defeitos apresentados pelo couro bovino, focando-se diretamente nos agentes relacionados com a produção; quais os problemas que ocorrem dentro das propriedades rurais (fazendas), quais são os agentes causadores da desclassificação das peles e o motivo para tal problemática.

As entrevistas foram realizadas com dois pesquisadores da Embrapa Gado de Corte, com o intuito de se obter uma melhor compreensão dos dados levantados; e, também, o diretor de um curtume, a fim de melhor conhecer o sistema de classificação da qualidade do couro desenvolvido pelos curtumes.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Dos fatores que fazem com que o couro bovino produzido em especial, em Mato Grosso do Sul, tenha pouca qualidade e baixo valor agregado diante do produto produzido em outros estados e países, se apresentam:

- (a) Dentro das propriedades rurais:
 - marcas a fogo = 10% dos problemas;

- arames farpados, ferrão etc. = 5% dos problemas;
- ectoparasitas = 40% dos problemas;
- transporte das fazendas aos frigoríficos e desses aos curtumes = 10% dos problemas;

(b) Dentro dos abatedouros:

- esfola deficiente = 20% dos problemas;
- salga deficiente = 10% dos problemas.

Constata-se que 60 % dos problemas na cadeia produtiva do couro são provenientes das fases de produção rural (GONZÁLES; FREIRE, 1992; GOMES, 2001).

Conforme Gomes *apud* Medeiros (2002), além do fator cultural que se tornar um dos maiores entraves para o desenvolvimento e qualificação da cadeia produtiva do couro, o pecuarista sul-mato-grossense fundamenta sua produção em bovinos principalmente para o abate, objetivando mais especificamente a produção de carne e seus derivados, deixando o couro apenas como um subproduto do boi, pois o valor de comercialização do couro está agregado ao valor total da arroba do boi.

A baixa qualidade do couro apresentada pelo rebanho bovino de Mato Grosso do Sul, como na maior parte dos outros estados do Brasil, decorre de sua condição de subproduto da carne, com um valor baixo, possuindo ainda o agravante de estar embutido no preço final da arroba do boi, fato este não percebido pelo pecuarista na venda do animal para o abate e, também, não gerando estímulos a investimentos em qualidade por parte dos produtores e frigoríficos. Outro agravante é a demanda do couro ser maior do que a oferta, o que não estimula a busca de uma maior qualidade por parte dos ofertantes da matéria-prima, frigoríficos e abatedouros. Também influencia a baixa qualidade, o preço de compra dos curtumes, que é bastante peculiar conhecido como sistema de “bica corrida”, em que os curtumes compram um período do abate dos frigoríficos para garantir o volume de produção planejado e este sistema impede um maior controle e planejamento em relação à qualidade da matéria-prima. A qualidade do couro tem influência fundamental na competitividade dos curtumes, pois além de prejudicar a qualidade do produto final também eleva os custos de produção pela necessidade de adicionarem-se mais produtos químicos no processo de industrialização, encarecendo em média 30% o seu custo em relação à concorrência internacional (BASSO *apud* MEDEIROS, 2002).

Mesmo sendo o maior e melhor rebanho bovino do país, Mato Grosso do Sul não conseguiu tornar-se referência em produção de couro como o é em relação à carne, dado ao fato de que não consegue aproveitar o couro proveniente do abate em igual proporção, pois possui um rebanho com reconhecido controle de sanidade e elevado índice de precocidade, porém fornece uma matéria-prima com classificação que oscila de intermediária a refugo (GOMES, 2002; OBREGON, 2002; SANCEVERO, 2002).

O produto encontrado nos curtumes do estado vem perdendo qualidade com o passar dos anos, pois a classificação do couro em relação à sua qualidade considerando-se os defeitos à flor do couro *Wet Blue*, que anteriormente se enquadrava entre a 5ª e 4ª categorias, atualmente possui sua maior porcentagem de classificação de couros na 6ª categoria, que abrange 43% e os melhores couros estão classificados na 4ª categoria, com apenas 5% do total de couros avaliados nos curtumes de Mato Grosso do Sul, tendendo a ser uma quantidade insignificante para esta classificação (MEDEIROS, 2002).

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior de 2001 *apud* Medeiros (2002), as exportações globais de couros e peles por estado brasileiro são liderados por Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Bahia, sendo que o estado de Mato Grosso do Sul situa-se apenas no 11ª lugar no ranking de exportadores, mesmo sendo o

maior produtor de bovinos do Brasil. Esse fato deve-se ao processo produtivo, no que diz respeito à etapa produtiva dentro da fazenda (GOMES, 2000).

O manejo errôneo do rebanho e o controle deficitário das pragas e infestações são os principais agentes de perda da qualidade do couro durante essa etapa do processo produtivo.

Para Gonzáles & Freire (1992); Gomes (2001) e Medeiros (2002), a desclassificação do couro bovino, começa nos problemas verificados nas peles dos animais durante sua criação até o abate, sendo que nas propriedades rurais, como já foi dito, 10% dos problemas referem-se às marcas de fogo, 5% são referentes a arame farpado, ferrões, 5% a galhos, espinhos, entre outras invasoras de pastagens e 40% referem-se a ectoparasitas.

Os problemas dentro das fazendas começam no momento em que o bezerro nasce, considerando-se que tanto o fazendeiro como o trabalhador rural que são os principais agentes no ciclo de produção do couro, ainda não estão conscientes da importância do controle os parasitas⁰ para o aumento da qualidade da matéria-prima. Esse controle ocorre para que o gado não perca peso, porém é feito de forma tardia considerado-se o fato de que muitas vezes espera-se a ocorrência de um foco de ectoparasitas para que sejam tomadas as medidas corretivas. Caso houvesse a consciência da dimensão que as conseqüências que os ectoparasitas tem no desenvolvimento do animal, essas medidas passariam a ser preventivas.

Segundo Gomes (2001), os maiores responsáveis pela baixa qualidade do couro bovino e, conseqüentemente, pela baixa agregação de valor ao produto são os ciclos parasíticos dos ectoparasitas em geral, que encontram nos fatores ambientais o item determinante de procriação e evolução de seus ciclos. Nos rebanhos do estado os ectoparasitas mais comumente encontrados são: bernes, carrapatos, moscas do chifre e miíases³; que são oportunamente comentados no decorrer do artigo.

Conforme estudos de Oliveira (1983) e Gomes (2001), o parasitismo pela larva da mosca *Dermatobia hominis*, conhecida no Brasil como berne ou dermatobiose. Desenvolve biologicamente em tecido cutâneo principalmente em animais de sangue quente. Embora relatada em muitas observações como causadora de perdas de produtividade no rebanho bovino, é de se considerar que essas perdas sejam muito mais expressivas no couro devido às extensas áreas de perfurações.

Ainda de acordo com Oliveira (1983), o ciclo da *D. hominis* se completa em duas fases: parasítica e não parasítica. Na fase parasítica, as larvas denominadas bernes, após permanecerem em média 50 dias no corpo do animal, alcançam o terceiro estágio se deslocando dos nódulos e caindo no solo, iniciando a fase não parasítica, pela pupação. O período pupal depende das condições climáticas em que a temperatura e a umidade formam elementos fundamentais. Em média de dias, o período mais curto de pupação é observado em novembro e dezembro, com 35 e 34 respectivamente. Os mais longos são observados nos meses mais frios, em junho e julho, com 69,7 e 32,5 dias, respectivamente. O prolongamento da fase de pupação na época de temperatura e umidade baixas, oferecendo-lhe condições inóspitas, faz com que a *D. hominis* permaneça em estado de dormência; 24 horas após a eclosão, as moscas adultas, por meio de acasalamento estático (insetos pousados), são fertilizadas. Esses ovos embrionam originando larvas infectantes. Quando os insetos zoófilos, portanto ovos, pousam nos hospedeiros de sangue quente, as larvas reagem imediatamente ao calor percebido, se deslocando dos ovos para alojarem-se no tecido subcutâneo, onde iniciam a fase parasítica.

³ A miíase mais conhecida como bicheira é transmitida pela mosca *Cochiliomya hominivorax* que deposita suas larvas em regiões do animal que possuem ferimentos sendo mais comumente encontrada no umbigo dos bezerros.

Devido à falta de permanente controle por parte dos pecuaristas, 89% dos couros adquiridos pelos curtumes possuem danos provocados pela dermatobiose. Do total de couros adquiridos, 34,8% apresentam perdas de 2 a 9% de sua área; em menores proporções, 1,6% têm mais da metade de suas peles comprometidas em cerca de 59 a 69%. Quantificando as perfurações por peças de couros, verifica-se que dependendo da época do ano, podem variar de um mínimo de 15 ao máximo de 531 (GOMES, 2002).

A intensidade parasitária no bovino pode variar em função de vários fatores, tais como, época do ano, pelagem (cor e tamanho do pelo), região corpórea, região geográfica, revestimento vegetal e a fisiografia de cada propriedade. As épocas de maior incidência do berne durante o ano são os meses com pluviograma favorável ao seu desenvolvimento, período que se estende da primavera ao verão (OLIVEIRA, 1983; GOMES, 2001).

Existe também tendência parasitária em relação a determinadas regiões corpóreas, havendo em algumas delas números mais expressivos de nódulos. Embora não sejam as mais extensas, a concentração de berne as caracterizam como sendo as mais infestadas. As regiões corpóreas de maior incidência em relação à densidade/área de berne são os membros anteriores (23,9%), a barbela (20,7%), a espádua (20%), o costalo (17%) e o pescoço (13%), as demais regiões são pouco expressivas (OLIVEIRA, 1983; GOMES, 2002; MEDEIROS, 2002).

O *Boophilus microplus*, vulgarmente conhecido como carrapato de bovinos, é uma espécie de parasita muito abundante que atacam predominantemente rebanhos bovinos, causando perdas significativas para a qualidade da pele desses animais. Ectoparasita da Tristeza Parasitária Bovina (TPB), causada pelos protozoários *Barberia bigemina* e *B. bovis* (barbebiose) e *Anaplasma marginale* (anaplasnose). Seu ciclo parasítico é hematófago (espoliadora) e toxinas, sem considerar os danos que esse parasita causa a estrutura da pele (PEREIRA, 2000).

Segundo Sonenshine *apud* Pereira (2000), o carrapato bovino além de danificar o couro, prejudicando sua comercialização, o grande volume de sangue sugado pelos carrapatos após fixação pode causar anemia ao hospedeiro e, dependendo do número de carrapatos infestantes, leva-lo à morte.

Alguns fatores contribuem no grau de infestação do *Boophilus microplus* nos bovinos. De acordo com Gonzáles *in* Medeiros (2002), a fase não parasítica é mais afetada por fatores climáticos, onde a temperatura ideal é de 27°C, com umidade relativa do ar atingindo os 70%. De acordo com Medeiros (2002), outros fatores como raça, sexo e cor da pelagem influenciam nos níveis de infestação, pode-se citar como exemplo os animais de origem zebuína, as fêmeas e aqueles animais que possuem pelagem com cores claras são menos propensos a parasitas.

A Miíase, mais comumente conhecida como bicheira, possui como agente transmissor a mosca *Cochliomya hominivorax*. Semelhante à berne, as larvas em seu estágio de desenvolvimento atuam na pele do animal causando a Miíase; observando que as áreas onde podemos encontrar o maior nível de infestação são o umbigo dos bezerros, assim como nos locais parasitados por bernes e em lesões na pele dos bovinos (SILVA, LINHARES; FIORAVANTE, 2001).

A *Hematobia irritans*, conhecida como mosca do chifre⁴ tem como principal característica seus enxames que pousam sobre um bovino que passa a ter dificuldade de se alimentar pelo incômodo que as intermináveis picadas destes insetos provocam, onde estes acabam

⁴ Apesar de ser um fator de grande stress para o animal, pois o enxame causa grande irritação fazendo com que haja grande movimentação do bovino, a mosca do chifre por si só não causa danos que sejam levados a alguma consideração de relevância na desclassificação do couro no futuro.

emagrecendo causando sérios prejuízos se não forem tomadas às devidas providências. A *H. irritans* pode transmitir uma filaria (*Stephanofilaria stilesi*) que provoca lesões ulcerativas na pele da face ventral do abdômen, principalmente na região anterior ao úbere. O tratamento consiste na pulverização, imersão, se utilizar o besouro africano, no primeiro tratamento, na estação chuvosa, pode-se usar organofosforados para combater também o berne e o carrapato, tratamentos eventuais durante o período chuvoso: sempre quando o número médio de moscas for 200 ou mais por animal, podem ser feitos com produtos à base de piretróides. Se for usar brinco, retire-o em até três meses.

Outro problema dentro das fazendas que faz com que a qualidade do couro do estado, assim como em todo o país, seja ruim é a questão do manejo inadequado; a utilização de ferrões, arames farpados, controle das invasoras e da vegetação que compõem as pastagens e as marcas á fogo em locais inadequados nos bovinos.

De acordo com Gonzáles & Freire (1992) e Gomes (2001), ferrões ou esporas e arames farpados são responsáveis por 5% dos problemas apresentados pelo couro produzido e que chega aos curtumes. Os ferrões ou esporas são utilizados para açoitar os animais no dia-a-dia do campo, onde estes se caracterizam por serem instrumentos em sua grande maioria de ferro pontiagudos com péssima conservação, geralmente possuem grande concentração de ferrugem. Esses instrumentos servem para lidar com aqueles animais mais arredios que não atendem as movimentações do restante do rebanho quando os trabalhadores (peões) vão ao encontro dos bovinos para maneja-los.

Os arames farpados que também estão inseridos na porcentagem citada anteriormente são considerados como fator de agressão à pele dos bovinos durante as etapas de manejo interno das propriedades rurais nos momentos em que ocorrem situações de stress entre os animais confinados. Todos esses fatores podem ocasionar perturbações aos animais fazendo com que se assustem e se movimentem de forma desordenada, levando a lesões e arranhões provenientes do atrito ou choque dos bois com as cercas. Algumas fazendas já estão trocando as cercas de arame farpado por cercas de arame liso ou elétricas onde os danos ao couro são menores (GONZÁLES; FREIRE, 1992; MEDEIROS, 2002).

O controle da pastagem, seu nível de invasoras, espinhos e a vegetação que a compõem é responsável por 5% dos problemas apresentados pelo couro. As invasoras de pastagens são plantas que causam arranhões e lesões nos bovinos. As invasoras que ocasionam mais acidentes nos animais são os espinhos, carrapichos e também os galhos de algumas formações vegetais que compõem a vegetação que forma a pastagem (GOMES, 2001).

O último dos fatores que causam problemas nas peles dentro das fazendas, segundo Gomes (1997), são as marcações feitas no gado, as sucessivas marcações com os mais variados tamanhos e em regiões nobres do animal como o cupim, paleta, quarto, anca, entre outras, que apesar de facilitarem o trabalho com os animais, danificam de maneira significativa às peles.

Os decretos-lei nº 4.854, de 12/10/42 e nº 4.714, de 29/06/65, disciplinam o tamanho a 11 cm de diâmetro e a região corpórea (articulações perna/coxa, perna/paleta e cara) do animal, onde as marcas símbolos são permitidas. O fato não é conhecido, porém talvez por desconhecimento da lei ou por ainda não auferirem lucro com o couro, é que os proprietários conduzem de forma aleatória seus trabalhos de manejo, assim contribuindo, para a desqualificação do couro e a sua desvalorização (Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT).

Um fator que interage com todos os problemas citados e que possui um caráter expressivo nas etapas do processo produtivo do couro dentro das fazendas é a falta de qualificação ou mesmo total despreparo dos trabalhadores rurais que atuam nesse setor e também dos produtores rurais.

Os índices de classificação da produção do couro brasileiro estão distribuídos da seguinte forma: 15% são de 1ª categoria, 40% são de 2ª categoria, 30% estão na 3ª categoria e os 15% restantes são considerados refugo. Em Mato Grosso do Sul, o couro de 1ª categoria não ultrapassa os 10% (GOMES, 1997).

De acordo com Medeiros (2002), existe muita desinformação por parte dos pecuaristas, 97% desses produtores enxergam no couro um para agregar valor ao produto boi; porém esse mesmo índice de produtores ao serem indagados quanto a receber algum valor adicional pelo couro produzido, responderam não receber; outro fato é desconhecimento por 83% desses produtores de que o preço do couro está embutido em 7% no valor total da arroba do boi. Outro dado importante é que 62,4% dos pecuaristas desconhecem quais os procedimentos e técnicas adequados para que produzam um animal que forneça uma matéria-prima com reconhecida qualidade.

Conforme Frizzo *apud* Medeiros (2002), alterações no cenário econômico estão por ocorrer, para isso o pecuarista deve estar consciente da posição estratégica que ocupa na cadeia produtiva da carne e estabelecer vínculos comerciais com frigoríficos, incluindo remuneração diferenciada pelo couro de qualidade; um couro com qualidade reconhecida poderá fomentar, a esse produtor rural um retorno com valores correspondentes às cotações do mercado internacional, algo em torno de 2 a 3 arrobas adicionais ao valor final.

Uma questão relevante a ser considerada é a de que os pecuaristas manifestam salutar interesse em investir em qualidade do couro bovino, porém consideram como fator efetivo de ocorrência de tal ação a necessidade de implementação de programas de bonificação adicional à produção de um couro bovino com qualidade (MEDEIROS, 2002).

Um exemplo do que foi exposto é o Programa de Classificação da Qualidade do Couro Bovino desenvolvido pelo Curtume Independência, sediado no município de Nova Andradina/MS que estabeleceu uma espécie de bonificação ao produtor que fornecer peles com qualidade, o curtume desenvolve uma parceria entre PRODUTOR – FRIGORÍFICO – CURTUME, focando uma maior agregação de valor para o couro, com isso colaborando com o desenvolvimento da cadeia agroindustrial do couro bovino em Mato Grosso do Sul (PROSPECTO GRUPO INDEPENDÊNCIA, 2002).

Além dos benefícios adicionais e das parcerias entre os elos da cadeia produtiva do couro, outro item que colabora no entrave do desenvolvimento da cadeia são as políticas governamentais e incentivos fiscais para o desenvolvimento do setor pecuário que de acordo com 83% dos produtores sul-mato-grossenses são insatisfatórias (MEDEIROS, 2002).

Os trabalhadores das fazendas em quase sua totalidade possuem baixo nível de escolaridade e pouco acesso a informações e quase nenhum preparo ou treinamento específico a fim de facilitar o trabalho com os animais de maneira correta e eficaz.

O nível reduzido da taxa de desfrute do rebanho, onde o gado é abatido com 3,5 a 5 anos de vida, em média, pela idade avançada geralmente tem excesso de peso, dificulta o abate e manuseio do couro, e por ter passado um longo período de tempo no campo possui acentuados níveis de problemas de riscos, rugas, bernês, carrapatos, dentre outros ectoparasitas citados, colaborando ainda mais com a queda de qualidade, com isso, ocasionando a desclassificação do couro (FRIZZO & HANSEN, 1993).

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O presente estudo discutiu a qualidade do couro bovino produzido dentro das propriedades rurais de Mato Grosso do Sul. Para tanto, foi feita uma revisão bibliográfica em trabalhos relacionados ao assunto bem como entrevistas com dois especialistas do setor.

Mato Grosso do Sul possui uma produção diária de 15 mil couros, destes 12 mil são processados no próprio estado como matéria-prima no estágio *Wet Blue*. A tipificação *Wet Blue* equivale apenas a 26% do denominado couro acabado, de alta qualidade, com valor agregado e que é empregado na indústria. O saldo restante, três mil unidades são enviados para São Paulo, Paraná e Minas Gerais na forma “in natura”, salgado ou refrigerado, ou seja, com baixo valor agregado (GOMES 2000 *apud* MEDEIROS, 2002).

A tipificação do couro divide-se em quatro grupos: o couro cru, *in natura* ou salgado; o couro *Wet Blue*; o couro *Crust* ou Semi-acabado e o couro *Cromo Alemão* Acabado. Em Mato Grosso do Sul, a classificação do couro quanto à qualidade nos curtumes apresenta-se nos seguintes índices: 1ª e 2ª categoria é inexistente, 3ª categoria é inexistente ou insignificante; 4ª e 5ª categorias são 18%; 6ª categoria 43%; 7ª categoria 28% e 8ª categoria ou refugo com 6%. (GELATI, 2001 *apud* MEDEIROS, 2002).

A baixa qualidade do couro bovino em MS afeta as propriedades rurais. Cerca de 60% dos defeitos no couro bovino são correspondentes à etapa de produção, dentro das fazendas, possuindo como fatores os ectoparasitas como: carrapatos, berne, mosca-do-chifre, entre outros, que respondem por 40%; ferrões, arames farpados, galhos, espinhos e o manejo com cães correspondentes a 10% e as marcas a fogo respondem aos outros 10% dos defeitos apresentados (GONZÁLES; FREIRE, 1992; GOMES, 2001).

O elevado índice de problemas referentes ao período em que o gado passa do lado de dentro das porteiras é refletido na atual situação de desclassificação que a matéria-prima couro vem sofrendo na cadeia agroindustrial do couro bovino em Mato Grosso do Sul. Essas dificuldades de classificação são oriundas dos problemas com ectoparasitas que podem ocorrer com maior ou menor intensidade de acordo com a genética do animal, geografia ou relevo local e/ou ainda condições climáticas e níveis pluviométricos (OLIVEIRA, 1983).

Outro fator que determinante do atual processo é o próprio produtor rural. O pecuarista sul-mato-grossense ainda não possui consciência de que medidas tomar para tornar o couro uma fonte de lucros e de agregação de valor a sua produção. Cerca de 3% dos pecuaristas do Estado não consideram e não possuem interesse na produção de bovinos obedecendo a uma estratégia de controle para a obtenção de couro com qualidade reconhecida e com isso agregando valor, sendo que os 97% restantes demonstram grande interesse em agregar valor ao produto por eles produzido. Medeiros (2002) também abordou a questão da remuneração adicional pelo couro aos produtores na comercialização de seus rebanhos; 97% afirmaram não receber qualquer valor pelo couro. Foi indagado também se era de conhecimento do produtor rural o fato de o preço de o couro estar embutido em 7% do valor total da arroba do boi; 83% dos inquiridos forneceram como resposta o desconhecimento do dado. Verificou-se também que 62,4% dos produtores não possuem conhecimento de que procedimentos ou técnicas devem adotar para a obtenção de peles com um nível de qualidade superior.

Em relação aos programas de controle e classificação da qualidade do couro bovino, Medeiros (2002) indagou os produtores se os mesmos possuem interesse em participar de programas existentes se recebessem algum valor adicional por seu produto; 100% dos produtores manifestaram interesse se houver um pagamento adicional efetivo pelas peles que forem produzidas, obedecendo aos programas de qualidade. Nesse mesmo contexto foi observado, que 83% dos produtores locais consideram insatisfatórias as políticas do governo e de incentivos fiscais para o setor pecuária no estado.

Mesmo com inúmeros problemas no transcorrer do elo produtivo da cadeia do couro bovino em Mato Grosso do Sul, o estado permanece como o maior e melhor rebanho bovino do país com reconhecido controle de sanidade. De acordo com Obregon (2002) & Sancevero (2002),

há de se considerar que a demanda do couro ainda é muito superior a produção acusando o que pode ser chamado de estado de inércia do produtor rural em relação à efetiva tomada de decisões quanto ao controle e investimentos na qualificação do couro produzido.

Para Frizzo *apud* Medeiros (2002), as mudanças mais efetivas ocorrerão somente quando o produtor estiver consciente de sua posição estratégica na cadeia produtiva da carne e formalizar novas relações comerciais com os frigoríficos, considerando-se as remunerações diferenciadas por um couro com um alto padrão de qualidade, o produtor terá em seu horizonte a possibilidade de receber um valor equivalente a um número de arrobas a mais na conclusão de suas negociações.

O couro é uma matéria-prima que apresenta como característica a inelasticidade de produção; não é dependente da variação do preço, é dependente da quantidade produzida, considerando o fato de Mato Grosso do Sul deter o maior rebanho bovino do país, o estado possui vantagem competitiva nesse segmento (MEDEIROS, 2002).

A parceria entre produtores, frigoríficos e curtumes é um dos requisitos mais importantes para o desenvolvimento da cadeia produtiva do couro no estado, como o exemplo do Grupo Independência; o Curtume Independência implantou um programa de classificação de qualidade do couro onde consegue coordenar três elos da cadeia (produtor, frigorífico e curtume), possibilitando àquele que controlar a qualidade de seu rebanho uma remuneração adicional pelo couro que possuir qualidade inserindo-se em algumas das categorias de classificação (MEDEIROS, 2002).

Uma variante com importância singular notada no transcorrer da pesquisa foi a constatação ausência de um sistema que normalize a classificação da qualidade das peles, a mesma varia de acordo com as regiões e empresas curtidoras da matéria-prima. Outro fato citado por Gomes (2001), e que possui grande relevância é o de que Mato Grosso do Sul ainda não possui nenhum curtume que seja especializado em acabamento de couro.

Outro fator observado foi a pouca informação que o produtor possui quanto a técnicas e procedimentos de controle de qualidade do couro, o desconhecimento do valor do couro que compõe parte do valor final da arroba do boi, a ausência de remuneração adicional desse produtor por um couro com qualidade, a falta de parcerias entre os elos da cadeia produtiva do couro no estado, a falta de políticas do governo de investimento e incentivos fiscais no setor pecuário do estado, além da falta de um padrão baseado em normas técnicas para promover uma justa classificação do couro produzido em Mato Grosso do Sul.

Possui grande relevância o estabelecimento de parcerias entre Produtores Rurais, Frigoríficos e Curtumes, objetivando uma diminuição dos custos no decorrer dos processos produtivos.

A questão da bonificação que os curtumes podem oferecer ao produtor rural que fornecer um bovino com uma matéria-prima couro com qualidade é um dos fatores que gera grande incentivo para maiores cuidados com a produção nas propriedades rurais. Existem alguns curtumes que remuneram os produtores, em Mato Grosso do Sul apenas uma empresa adota esta prática.

É válido salientar que políticas de crédito tanto de ordem privada como linhas de crédito públicas, são importantes para que seja possível estabelecer um maior nível de investimento tanto na produção e qualificação do couro, como na melhor estruturação das empresas que operam no processo de beneficiamento do produto.

É necessário o investimento em educação continuada para os produtores rurais, transportadoras, abatedouros, frigoríficos e curtumes. Um importante colaborador para esse processo será o Centro Tecnológico do Couro de Mato Grosso do Sul, sediado nas instalações da

EMBRAPA Gado de Corte, em Campo Grande que objetiva capacitar recursos humanos para propriedades rurais, frigoríficos e curtumes, prestando serviços e informações técnicas sobre a cadeia produtiva do couro no Estado, observando as tendências de mercado entre outras propostas apresentadas pelo órgão para alavancar esse setor produtivo.

São necessários também, investimentos em *marketing* para a divulgação das propostas aos produtores e aos demais elos da cadeia produtiva do couro e ao mercado que irá consumir o couro aqui produzido enfatizando os principais atributos dos bovinos produzidos no Estado; precocidade, sanidade e qualidade reconhecida.

5. BIBLIOGRAFIA

FRIZZO, A; HANSEN, J. R. **Observações em curtumes e frigoríficos brasileiros**. Revista do couro. Ano XIX, n. ° 94, pág. 76-79. ABQTIC. Agosto/setembro de 1993.

GOMES, A. **Qualidade do Couro**. Gado de Corte Informa – Embrapa. 1997. Vol. 10 n.º 3.

GOMES, A. **Beneficiamento do Couro, 60% dos defeitos no couro do boi ocorrem na fazenda**. Revista: Pecuária de Corte. Ano XI nº 98, Pág. 38. Maio de 2000.

GOMES, A. **Aspectos da cadeia produtiva do couro no Brasil e em Mato Grosso do Sul**. Reuniões técnicas sobre couro e peles. 2002. On-line: www.cnpqc.embrapa.br. Acesso em: 4 de maio de 2003.

GOMES, A. **O couro não é apenas o envoltório do animal, mas uma fonte de renda que o produtor deve explorar**. Embrapa – Gado de corte divulga. 2001. On-line. Disponível em: www.cnpqc.embrapa.br. Acesso em: 14 de abril de 2003.

GONZÁLES, J. C.; FREIRE, N. M. S. **O couro dos bovinos do Rio Grande do Sul: Riqueza há muito maltratada**. A hora veterinária. Ano 12, n. ° 69, pág. 14-16. Setembro/outubro de 1992.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia e planejamento**. 5ª edição. Editora Atlas. São Paulo 1999, vol. 1. 337 p.

MEDEIROS, E. M. C. **Produção de couro bovino de melhor qualidade no pantanal de MS e estratégias de inserção na cadeia do agronegócio**. Monografia apresentada para a obtenção do título de especialista em MBA – Gestão estratégica de agronegócios. Campo Grande – MS. Março de 2002.

OBREGON, C. G. S. **Programa, melhoria e qualidade do couro**. Embrapa Gado de Corte. Reuniões Técnicas sobre o Couro e Peles, 2002. On-line. Disponível em: www.cnpqc.embrapa.br. Acesso em: 5 de maio de 2003.

OLIVEIRA, G. P. **Fatores que afetam economicamente a produção de couro de bovinos**. Arr. Bol. Tecnol. Pág. 353-358. 26 de março de 1983.

PEREIRA, L. S. **Resposta imune do carrapato bovino *Boophilus microplus*: investigação da produção de espécies reativas de oxigênio pelos hemócitos.** Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre em Biologia da Relação Patógeno-Hospedeiro. São Paulo – SP. Julho de 2000.

PROSPECTO GRUPO INDEPENDÊNCIA. Programa de Classificação da Qualidade do Couro do Curtume Independência. 2002.

SANCEVERO, A. B. **Reuniões técnicas sobre couros e peles.** Embrapa Gado de Corte, 2002. On-line. Disponível em: www.cnpgc.embrapa.br. Acesso em: 14 de abril de 2003.

SILVA, L. A. F. LINHARES, G. F. C.; FIORAVANTI, M. C. S. **Aspectos epidemiológicos e tratamento da tungíase bovina no município de Jataí, Estado de Goiás.** Departamento de Medicina Veterinária – UFG, 2001. On-line. Disponível em: www.vet.ufg.br. Acesso em: 25 de maio de 2003.